



Outras formas de comunicação urbana contemporânea: Diálogos Públicos¹

Milene Migliano Gonzaga²

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

Resumo

Na cidade de Belo Horizonte, em meio aos códigos, sinais e leis que ordenam os seus percursos, comércio, trabalho e usos, encontramos práticas culturais que revelam apropriações do espaço e dos diversos elementos, concretos e simbólicos, disponíveis na urbe. Tais práticas, que se constituem como interações comunicativas estabelecidas em suportes espalhados pela cidade, denominamos diálogos públicos. Nossa proposta consiste em descrever e delimitar como este fenômeno comunicativo instaura sociabilidades, re-ordena relações e constitui participação pública no cotidiano do espaço urbano.

Palavras-chave

comunicação urbana, práticas culturais, experiência, produção de sentidos

Apresentação

A pesquisa Cartografia de Sentidos do Centro de Belo Horizonte³ tem como proposta orientadora estudar a rede de significados produzidos e em produção na região central da cidade. Por meio da observação e registro dos usos que os sujeitos, individuais e coletivos, imprimem ao espaço urbano, produzimos mapas de sentidos, que levam em conta a diversidade de elementos sensoriais e cognitivos.

Nossa inserção na pesquisa direciona o olhar para a potência comunicativa da cidade compartilhada. Nos caminhos percorridos a pé, percebemos que os sujeitos se relacionam e promovem trocas comunicativas se apropriando da cidade como suporte. Por meio de inscrições, perguntas, respostas, opiniões, comentários, exigências, apelos, e várias outras manifestações que incitam a participação de outrem, os sujeitos

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas, no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Fafich-UFMG, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Centro de Convergência de Novas Mídias – UFMG e graduada em Comunicação Social pela UFMG.
E-mail: milenemigliano@gmail.com.

³ Pesquisa transdisciplinar desenvolvida pelo Núcleo Centro de Convergência de Novas Mídias – UFMG.



estabelecem negociações constantes, materializadas sob a forma de textos e imagens em alguns locais do centro. Realizamos o registro fotográfico destas intervenções, além de observar como se instituem como práticas culturais na cidade, há dois anos.

1. O Centro da Cidade

Cotidianamente, o centro de Belo Horizonte tem sua dinâmica instaurada pela diversidade, seja esta cultural, econômica, política, social. Nas manhãs os trabalhadores chegam ao centro para trabalhar, ou para ir até outro bairro, os estudantes passam para chegar aos colégios e universidades, as lojas se abrem com seus microfones anunciando produtos, as praças e espaços públicos são tomados por vendedores ambulantes, transeuntes procuram um lugar para descansar, os idosos conversam entre si, mendigos acordando para enfrentar mais um dia. As pessoas que circulam pelas ruas do centro tornam-se assim, sujeitos envolvidos em relações cotidianas e complexas, pois envolvem o espaço urbano planejado, a diversidade dos tempos e práticas nos consumos da urbe e as inúmeras formas que encontram para se intercomunicar.

A região central de Belo Horizonte conserva a especificidade da centralidade geográfica e simbólica na cidade, pois para se chegar de um bairro ao outro precisamos passar pelo centro, lá é o único lugar onde podemos obter a prestação de alguns serviços e a venda de alguns produtos. Para aqueles que o atravessam em veículos motorizados, constitui-se como espaço dos engarrafamentos, cheio de obstáculos ao bom fluxo do trânsito da cidade. Para outros é espaço de moradia, trabalho, comércio, ponto de encontro e local para manifestações plurais.

O traçado urbano e as regras estabelecidas pelo planejamento governamental ordenam os comportamentos e regulam os usos dos equipamentos urbanos por meio das placas e sinais espalhados nas suas vias públicas, direcionando e sistematizando o espaço comum: nomeiam ruas e praças, indicam trajetos e informações sobre prédios públicos, sinalizam qual o lugar por onde os transeuntes podem atravessar as grandes avenidas, etc.

A publicidade nos pontos de ônibus, nas bancas de jornal, na frente das lojas, nas empenas dos edifícios, sempre em transformação, algumas mais efêmeras do que outras, também compõem o centro da cidade imgeticamente. As roupas das pessoas com os nomes de grife e de candidatos, os cartazes colados formando agrupamentos pelos muros, os pequenos papéis que são distribuídos nas esquinas – a propaganda e a



publicidade também constituem a escrita da cidade, comunicando sentidos continuamente.

No centro de Belo Horizonte as informações são disponibilizadas no suporte cidade, suas ruas, equipamentos, veículos, em suma, objetos materiais que permitem que uma escrita se constitua. Walter Benjamin já nos esclarecia em seus apontamentos sobre as cidades, principalmente em “Rua de Mão única”, a potência do espaço urbano como um novo lugar cognitivo – “a escrita da cidade”; a cidade como suporte e conteúdo ao mesmo tempo. É importante ressaltar que a novidade da “escrita da cidade” a invoca não apenas como suporte material dos textos, mas como forma significativa, como um lugar de imersão: o simples estar na cidade aciona nossa leitura e escrita, relações que estabelecemos, contínua e contiguamente, com o ambiente em que estamos.

Para se revelar como um texto legível, a cidade depende da apreensão de cada sujeito, pois “são textos triviais, percebidos na maioria das vezes, de passagem, de modo distraído” (BOLLE, 1994: 274) que articulados às experiências próprias conformam nossos afetos, entendimentos e conhecimentos a respeito dos espaços urbanos. Cada sujeito experimenta o espaço comum da cidade, acionando e acessando suas memórias, experiências, seu próprio corpo. Dessa maneira, a cidade é re-significada por cada sujeito que a experimenta, produzindo e reproduzindo diversos sentidos. Ao compartilhar sentidos com os outros habitantes que convivem neste espaço, a cidade se estabelece como um lugar possível de se realizarem trocas simbólicas.

As ruas e as calçadas cumprem no planejamento estratégico urbano a função de circulação de veículos e pedestres. Mas é por meio dos seus usos e apropriações, trocas e experiência dos sujeitos que a cidade se torna espaço público privilegiado na dinâmica da vida urbana. Nas práticas sociais e culturais que se estabelecem nas ruas, dando visibilidade as apropriações de sentidos realizadas pelos sujeitos é que podemos perceber os encontros, confrontos e coexistência da diversidade social, econômica e cultural.

“Seja de que espécie for a diversidade gerada pelas cidades repousa no fato de que nelas muitas pessoas estão bastante próximas e elas manifestam os mais diferentes gostos, habilidades, necessidades, carências e obsessões.” (JACOBS, 2000: 161).



2. Diversidades dos tempos e práticas

A diversidade que o Centro de Belo Horizonte comporta pode ser notada sem maiores dificuldades, por qualquer pessoa que tenha um contato com tal ambiente. Diferentes práticas cotidianas, tais como as fiscalizações da prefeitura, realizadas pelos agentes uniformizados, dos garis da prefeitura com seus uniformes laranja que em alguns lugares do centro realizam cerca de doze limpezas da rua em um só dia, se constituem no lugar do planejamento estratégico. Outras práticas, tais como o caminhar, trabalhar, morar, estudar, se divertir, se constituem como usos dos transeuntes nesta cidade, usos esperados pelo planejamento urbano.

Mas ao estabelecer sua rotina os sujeitos que vivenciam o centro da cidade encontram outras formas de se relacionar e interagir com as regras da cidade e com os outros. Em alguns momentos respeitando as leis de trânsito, em outros transgredindo; colocando junto aos telefones públicos anúncios de serviços; inventando lojas nos degraus dos edifícios; colando nos pontos de ônibus o preço do serviço de fotocópias da loja que se encontra em frente a ele.

“A Cidade (...) não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir” (CERTEAU, 1994: 174).

Para Certeau, as astúcias dos sujeitos ordinários se configuram como táticas ante as estratégias que ordenam e conformam a realidade social, tais como as regulações e ações do planejamento urbano. Diante de uma cidade racionalizada, os sujeitos produzem e reproduzem sentidos ao se apropriar taticamente, sem programações controladas, dos elementos, concretos e simbólicos, disponíveis na urbe. Ao inventar uma loja em uma sarjeta, dispondo seus produtos sobre uma toalha e chamando a atenção dos fregueses para “dar uma olhada na minha lojinha”, tal sujeito está fazendo um uso tático da cidade, uma apropriação não planejada. Tais apropriações se conformam como práticas culturais diversas, instauradas no cotidiano.

Os sujeitos atribuem sentidos à cidade na necessidade diária de se relacionar como os outros, fazendo uso do que lhe é disponibilizado. Dessa maneira, estabelecem relações de consumo da urbe e se apropriam dos muros, postes, ruas e discursos; mantêm a cidade em um movimento dinâmico e contínuo com suas práticas, participando ativamente no espaço planejado. Ao resignificar os objetos materiais e elementos simbólicos, disponíveis na escrita da cidade, por meio das práticas sociais e

culturais que estabelecem, os sujeitos realizam uma leitura e uma escrita sua da cidade. Entram em cena, temporalidades e imaginários diversos, que se encontram na cidade e se relacionam, resignificando e atualizando-a.

Na Praça Sete de Setembro⁴ e imediações, vários usos do mesmo espaço colocam em relação temporalidades, imaginários e práticas. É nesta praça que os idosos se encontram para jogar damas e xadrez, que os deficientes auditivos se encontram em frente ao *Mc Donalds*⁵ ao final das tardes para se comunicar, que os pastores pregam as escrituras, que as emissoras de televisão vêm à rua para tomar conhecimento e coletar as palavras do povo. Todos os usos descritos até agora da Praça Sete estão relacionados a situações e eventos comunicativos, demonstrando como ela se configura no imaginário da cidade como um lugar de encontro, comunicação e trocas simbólicas.

Um outro uso da praça, como tantos outros que se realizam apenas em dias específicos da semana é o descarte de jornais velhos: pilhas de jornais que não foram vendidos têm seu cabeçalho recortado para ser entregue à distribuidora. Os restos dos jornais, as outras páginas, costumam ser distribuídos ali mesmo na praça, para os transeuntes que passam e se interessam. Alguns já são clientes cativos, dão uma olhada no jornal e o levam para seus locais de trabalho, para casa, para ler, comentar com o parceiro ou qualquer outro grupo.

Todavia, um senhor realiza um outro tipo de consumo destes jornais velhos, além do consumo usual, a leitura: ele recorta as manchetes e notícias de jornal, fotos e legendas e recria em folhas de papel no tamanho A4 um outro jornal, colando os recortes, acrescentando comentários e releituras das notícias, críticas e posicionamentos à situação exposta pelo jornal, à caneta.

Ao reorganizar os sentidos do jornal, imprimir sua subjetividade nestes papéis, e colar periodicamente as folhas nos muros do antigo Cine Brasil⁶, já há mais de dois anos, o sujeito estabeleceu uma nova prática cultural na cidade. Para este senhor, as notificações, como ele denomina suas intervenções, são de utilidade pública, pois pretendem informar os transeuntes de situações e fatos locais e globais. Como permanecem na cidade durante algum tempo, as notificações podem acessar e se comunicar com outros sujeitos que compartilham o centro da cidade em outros horários. E passam a se constituir como mais um lugar de encontro entre os habitantes da urbe;

⁴ A Praça Sete de Setembro é considerada o lugar central da cidade de Belo Horizonte.

⁵ Rede de lanchonete multinacional.

⁶ O Edifício do antigo Cine Brasil faz parte da Praça Sete de Setembro.

estes encontros não são marcados apenas pela leitura dos transeuntes, mas também pela sua escrita, já que muitas inscrições são feitas nas notificações, visibilizando suas informações, opiniões e afetos na cidade. Outras vezes, rasgam as folhas e riscam os textos, aparentando mostrar posicionamentos contraditórios aos do notificador, ou mesmo uma outra apropriação da cidade: pudemos observar certa vez que um homem raspava a unha na parede, descolando os papéis, como um passatempo nervoso, enquanto conversava com uma mulher.

Algumas pessoas escrevem xingamentos e se utilizam das notificações para comunicar os próprios ideais, como “não vote”, “anule seu voto”, potencializando a cidade como um lugar de comunicação possível para todos. Além destas intervenções nas próprias notificações, os muros da Praça Sete também são compartilhados entre cartazes de propaganda, grafites, pichações, outros *stickers*⁷ e informações no centro, compondo também a “escrita da cidade”. Para nós, os diálogos públicos são estas interações comunicativas que encontramos no espaço urbano; que são endereçadas a quem os experimenta a pé, percorrendo suas calçadas e ruas, possibilitando trocas simbólicas.

Um outro exemplo de diálogo público foi encontrado na Rua Januária⁸, próximo à Casa do Conde de Santa Marinha, onde registramos um portão de ferro com cerca de vinte e cinco papéis com desenhos e mensagens colados. Alguns destes pequenos papéis eram *stickers*, e estavam ali fazendo parte de vários diálogos públicos com diferentes graus de comunicação estabelecida, pois aciona sentidos mais específicos entre os sujeitos que os colaram e que fizeram deste espaço um lugar de encontro, além das pequenas mensagens que estavam constituídas com suas imagens, cores e textos estilizados e que podem ser apreendidas pelos que passam por ali. Os *stickers* são fabricados pelos sujeitos que os colam e são trocados pela internet; assim, parte dos diálogos que convergiam neste portão de ferro em Belo Horizonte poderiam ser encontrados em outros lugares do mundo, acionando outras interações. Mas além dos *stickers*, um outro papel nos chamou a atenção: um papel com uma apropriação artesanal, realizada manualmente, diferente dos outros *stickers* com feitos digitais. Era uma propaganda de uma página de jornal com várias intervenções à caneta, na imagem

⁷ Na tradução do inglês o termo significa adesivo; nas ruas são adesivos estilizados e fabricados pelos próprios sujeitos que os colam, além de serem trocados via internet e conseqüentemente colados em outros lugares do mundo.

⁸ Região Central de Belo Horizonte.



de um modelo publicitário da propaganda, lhe adicionando cabelos e bigodes e uma inscrição de uma poesia em sua camiseta (no caso o objeto inicial da propaganda).

Enquanto o notificador se apropria do material jornal – notícias, manchetes, fotos e legendas – e institui uma prática cultural urbana na cidade de colar mensagens na Praça Sete, este outro sujeito interventor se apropriou também do material jornal, mas não das manchetes e sim de uma propaganda para publicizar sua mensagem poética na cidade. Assim, a intervenção estabelece uma outra prática de diálogo público, que tem como uma de suas especificidades estar junto ao grupo de *stickers*, ou produzir outros significados que acessem os sujeitos de uma maneira diversificada dos diálogos da Praça Sete.

As intervenções no espaço urbano que descrevemos acima são realizadas em sua maioria por sujeitos anônimos que vivenciam em seu dia-a-dia o centro de Belo Horizonte e ao compartilhar seus espaços, estabelecem relações de troca e negociação. Estas práticas culturais que tem como finalidade interagir com o outro, se conformam como processos comunicativos, formas mediadas na/pela cidade de trocas simbólicas. Percebemos a potência que os diálogos públicos têm ao disponibilizar e visibilizar outros lugares de/na comunicação urbana, acessíveis para os que quiserem intervir e se relacionar.

3. Comunicação e participação urbana

As mensagens, opiniões, comentários, exigências, apelos, perguntas, respostas e várias outras manifestações que incitam a participação de outrem se constituem a partir de gestos significantes na conformação de lugares de comunicação, participação e visibilidade. Em alguns casos, os diálogos públicos instaurados no centro de Belo Horizonte materializam reivindicações relacionadas a situações específicas, que se utilizam do suporte cidade a fim de fazer valer sua voz. Após o seu diálogo ser considerado como reivindicação e ganhar visibilidade, os sujeitos estabelecem relações que possibilitam o encontro de soluções para a sua necessidade e não aparecem mais.

Foi o caso do diálogo público que os funcionários do INSS instituíram na Avenida Amazonas⁹, próximo a Praça Sete de Setembro. Eles fabricaram vários cartazes com imagens de câmeras digitais e pequenas mensagens, exigindo melhorias

⁹ A Avenida Amazonas é uma das vias de grande circulação que passam pelo Centro de Belo Horizonte e cortam a Praça Sete de Setembro.

nas instalações de seu local de trabalho. Esta intervenção na Avenida Amazonas agendou a mídia impressa e televisiva. No dia seguinte ao início da ação, os funcionários pregaram fotocópias dos jornais impressos que noticiaram sua manifestação do dia anterior e seus problemas. Ao se utilizar das paredes externas do edifício onde trabalham, trazendo para a rua da cidade as suas reclamações, os funcionários do INSS conseguiram estabelecer comunicação tanto com os transeuntes do centro, como com a mídia local. Eles impuseram sua participação no espaço urbano e após seis meses do protesto urbano, identificamos que uma grande reforma começou a ser realizada no edifício.

Alguns diálogos públicos, como o descrito acima, demonstram que outras relações podem ser estabelecidas entre o lugar do poder público e os cidadãos comuns. Mesmo sendo uma relação entre funcionários públicos e governo federal, a força da opinião pública foi mobilizada ao colocar na rua imagens das instalações e locais de trabalho. É dessa forma que as práticas culturais que se constituem na cidade continuamente, tentando e estabelecendo relações de comunicação que não tem lugar instituído, reordenam e estabelecem outras formas de sociabilidade. Outras relações sociais e de comunicação que não apenas as conversações diárias entre os sujeitos que têm alguma relação prévia estabelecida (familiar ou afetiva), podem ser instituídas entre todos os habitantes da cidade.

Os sujeitos que atuam na constituição dos diálogos públicos realizam gestos que vão além de apenas inscrever suas opiniões e também posicionamentos. Muitas vezes realizam apagamentos, riscos anuladores, como se estivessem corrigindo um erro ortográfico ou de conteúdo, acrescentando ou mesmo impondo, suas próprias opiniões e posicionamentos nas ruas. Atuam no lugar de quem deseja interromper a transmissão da mensagem original e ao interferir no diálogo já estabelecido, os modificam, atribuindo-lhes novas e outras significações.

Observamos diversas modificações em diálogos públicos instituídos na Avenida dos Andradas¹⁰, embaixo do Viaduto do Floresta, no muro que hoje guarda a Estação do Conde, no centro de BH. Os diálogos começaram, em nossos registros com vários grafites, há cerca de dois anos. Um deles se apropriou do slogan de uma campanha de comunicação da prefeitura, que era “quem gosta de BH tem seu jeito de mostrar”. Esta campanha aconteceu em meados de 2003 e foi veiculada pela TV, nos relógios digitais e

¹⁰ A Avenida dos Andradas está localizada na região central de Belo Horizonte e este lugar se está próximo à Casa do Conde de Santa Marina.

outdoors, ao longo das vias de trânsito, enfim, foi bastante difundida pelos meios de comunicação de Belo Horizonte. O grafite em questão, na verdade era apenas uma parte em um muro onde encontramos muitos autores: continha alguns monstros, letras estilizadas e os dizeres “ken gosta de bh, tem seu jeito de mostrar”, que estava entre aspas, demonstrando que o slogan da campanha estava sendo apropriado e trazendo para a circulação de sentidos na cidade um diálogo público de outra ordem: entre campanhas publicitárias e grafites.

Logo no início da reforma do pátio interno a este mesmo muro, que nesta época guardava um estacionamento de algumas linhas de ônibus, todos os grafites foram apagados, ou melhor, sobrepostos com uma tinta azul escura. Após algum tempo, apareceram pixações¹¹ em branco, no muro azul escuro, que demarcavam áreas reservadas para novas intervenções de alguns grafiteiros da cidade. Os textos eram “reservado para Binho”, “reservado para Ema”, para Eco, para fulano, para sicrano, assim por diante, com vários nomes de grafiteiros pixados em branco no muro azul.

Mas, logo após um outro curto espaço de tempo, as inscrições dos nomes dos grafiteiros que estavam lá, demarcando um espaço para realizar seus trabalhos, sofreram um ataque. Isto é, um outro sujeito passou por ali e realizou uma nova intervenção: instaurou uma resposta à mensagem inicial, instituindo um diálogo público. Sua parte do diálogo problematizava a condição de lugar de participação do muro em questão: o texto anterior delimitava um espaço público para a intervenção de apenas uma pessoa ou outra e não de todos os habitantes da cidade que desejassem realizar inscrições ou grafites no muro. A intervenção se resumiu a alguns riscos de spray laranja que cortavam todos os nomes de grafiteiros e a frase, sobre uma nova e fragmentada pintura de azul escuro, “Reservado p/ todos de BH. Porra...”.

A frase se apropriou da informação que já havia sido deixada lá, de que era um espaço reservado. Porém, acrescentava um novo questionamento quanto a validade e a legitimidade dos que tinham seus nomes lá grafados e a ilegitimidade de outros cidadãos que poderiam se apropriar daquele espaço público, reclamando o lugar para todos.

¹¹ Utilizamos o termo pixações grafado com x, ao invés de ch, por ser a maneira reconhecida entre os pixadores de identificar sua prática cultural urbana.



Assim, participando politicamente da construção da paisagem urbana, instituíram novos diálogos, novas relações com os transeuntes e a memória coletiva urbana de BH.

“As teorias comunicacionais nos lembram que a conexão e desconexão com os outros são parte da nossa constituição como sujeitos individuais e coletivos. Portanto o espaço *inter* é decisivo.” (Canclini, 2005, p.31)

Dessa maneira, são nas manipulações e consumos diários, na busca pela interação possível que estas práticas culturais instituem os diálogos públicos como um outro lugar da comunicação urbana contemporânea. Por meio de lugares apropriados, gestos significantes, os textos e imagens dispostos na cidade sugerem e indicam a necessidade de se comunicar e relacionar com quem mais compartilha este cotidiano. Mesmo que seja em outro horário, não simultaneamente, mesmo que um sujeito não encontre presencialmente o outro, o lugar da participação na constituição do imaginário da vida urbana é garantido.

4. Formas de coexistir na cidade

Apesar de não seguirem regras estipuladas, como é o caso das placas e sinais de trânsito, e em alguns momentos até subvertê-las, os diálogos públicos descritos neste texto apresentam alguns elementos que se repetem, tal como as colagens, o uso da linguagem escrita, a invocação dos outros sujeitos, a periodicidade com que são postos em circulação no centro de Belo Horizonte. A preocupação com que as mensagens sejam lidas e realmente proporcionem diálogos públicos pode ser percebida pelo uso freqüente da colagem dos papéis em uma altura correta para a leitura de um adulto, também é um elemento em comum entre os diálogos do centro da cidade. Os textos têm que estar disponíveis para o sujeito que experimenta a cidade no caminhar, lugares possíveis de se encontrar com eles, diferentemente de algumas pixações que buscam os espaços mais inacessíveis para serem realizadas.

Mas a existência de alguns destes diálogos na cidade, principalmente os que se utilizam de papéis colados é efêmera: a ação do tempo, a colagem em uma superfície menos aderente, enfim, a própria ação dos sujeitos que rasgam e retiram das superfícies os adesivos, seja propositalmente, seja como um simples passatempo. A impropriedade



dos papéis colados nas ruas é abordada nos diálogos públicos por vários sujeitos, de maneiras diferentes.

A começar pelo notificador da Praça Sete de Setembro, que inscreve insultos aos sujeitos que rasgam as notificações, intimidando-os com os novos equipamentos de segurança pública tais como as câmeras de vídeo, instaladas pela cidade. Quando escreve notificações desta natureza, sempre começa o texto com a frase “tem um indivíduo por aí que anda arrancando as notificações (...)”, deixando claro para seus outros leitores em potencial que tal diálogo é direcionado para um sujeito.

Na Rua Januária, encontramos um *sticker* com uma imagem de um homem nave-tubo de creme dental amarelo e uma mensagem sobre o leitor estar olhando e lendo o que há no papel. Esta mensagem discursa sobre as condições de ser um pedaço de papel colado, que como “outros papéis com desenhos legais pelas ruas”, são rasgados. Apela para que o leitor não rasgue estes papéis e termina seu texto com a frase: “e que o PAPEL do CÉU lhe abençoe”. Logo, este papel colado faz o mesmo pedido que algumas notificações da Praça Sete, mas num tom completamente diferente.

Procuramos demonstrar neste ensaio que os sujeitos que encontramos nas ruas produzem sentidos, se apropriam e usam o espaço urbano, com finalidades diferentes dos planejamentos estratégicos. Algumas apropriações expõem a necessidade de se relacionar com os outros que compartilham o mesmo espaço, informando de situações locais e globais, visibilizando problemas relacionados ao uso dos equipamentos públicos, interagindo e participando ativamente dos processos que engedram a vida pública da cidade de Belo Horizonte.

Em seus relacionamentos cotidianos com a cidade, os sujeitos criam e instituem outras práticas culturais que possibilitem seu contato com os outros. Demonstramos a potencialidade comunicativa de algumas destas práticas, que se utilizam da cidade como palco para suas intervenções: os diálogos públicos.

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas Vol. II - Rua de Mão Única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994



CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, Desiguais, Desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Ver a cidade*. São Paulo: Nobel, 1988.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, Armando. *Os imaginários urbanos na América Latina*. in: BRANDÃO, Carlos Rodrigues e MESQUITA, Zilá (org). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Editora Universidade/UFRGS/ Editora Universidade de Santa Cruz do Sul/ UNISC, 1995.

WILLIAMS, Raymond. *La larga revolución*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2003.